

Špánková, Silvie

Tradição, ancestralidade, ruralidade

In: Špánková, Silvie. *Literaturas africanas de língua portuguesa II, Antologia de textos literários*. 1. vyd. Brno: Masarykova univerzita, 2014, pp. 63-79

ISBN 978-80-210-6978-7; ISBN 978-80-210-6981-7 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/131167>

Access Date: 17. 02. 2024

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

4. Tradição, ancestralidade, ruralidade

Neste bloco, será dedicada atenção a várias expressões narrativas da tradição, da ancestralidade e do universo rural. Por sinal, a maioria das obras aqui escolhidas pertencem à literatura moçambicana, incomparavelmente menos atenta aos centros urbanos como a literatura angolana, e muito mais sensível à dicotomia da modernidade/tradição, como se verifica especialmente na obra inovadora de Mia Couto e de outros autores moçambicanos. A literatura angolana é aqui representada por Ruy Duarte de Carvalho, um dos autores que na sua obra recria o espaço do Sul de Angola, junto com o seu universo geosocial dos povos pastores.

Mia Couto: O Último Voo do Flamingo (2000, LM)

Este romance de Mia Couto (1955) tem por base a investigação de um consultor das Nações Unidas sobre umas explosões misteriosas que matam os soldados da ONU, vindos para o trabalho da desminagem a seguir ao acordo de paz de 1992. A história passa-se em Tizangara, um lugar inventado que funciona como metonímia de Moçambique. O narrador é um tradutor que, no entanto, mais que um tradutor de dois sistemas linguísticos serve como um tradutor de uma realidade que escapa à percepção do consultor europeu, e que se liga ao imaginário africano, ao universo da tradição. O romance abre assim um largo espectro de questões que avassalam o Moçambique do pós-guerra: a relação entre a tradição ancestral e a cultura moderna/ocidental, a desconstrução do país depois do conflito armado, o abuso do poder, bem como as possibilidades da construção de uma identidade moçambicana com base no imaginário tradicional, veiculada pelo final romanesco entre o apocalíptico e a esperança.

O italiano se havia reclinado como um ponteiro. Parecia ter gostado do relato das minhas infâncias. Quando terminei ele se deixou em silêncio. Por um tempo permaneceu assim, dissolvido naquela pausa. Só depois falou:

- Esta sua estória ... tudo isso é verdadeiro?
- Como verdadeiro?

– *Desculpe perguntar. Mas eu fiquei escutando, me perdi. Que horas são?*

Era tempo de regressarmos à pensão. Soprava um vento pontiagudo. O mesmo recepcionista estava na soleira da porta varrendo umas placas de plástico. Algumas das letras do anúncio haviam caído com a ventania. Lia-se agora: «Martelo Jo».

O italiano, cansado, nem se sentiu adormecer. Nessa noite, um estranho sonho tomou conta dele: a velha do corredor entrava no quarto, se despia revelando as mais apetitosas carnes que ele jamais presenciara. No sonho, o italiano fez amor com ela. Massimo Risi nunca tinha experimentado tão gostosas carícias. Ele rodou e rerodou nos lençóis, gemendo alto, esfregando-se na almofada. Se era pesadelo, ele muito se divertia.

Despertou suado e sujo, o peito ainda resfolegando. Olhou em volta e reparou que alguém mexera nas suas roupas. Alguém estivera no quarto. Levantou-se e viu o balde com água. Suspirou, aliviado. Tinha sido, certamente, o rapaz da pensão. Massimo lavou-se com a ajuda de um copo. Barbeou-se com o resto da água do banho. Ficou olhando o balde como se reparasse, pela primeira vez, o quanto pode valer um pouco de água. Depois, saiu do quarto e foi-se esgueirando pelo corredor quando um braço o fez parar. Era a velha Temporina. O italiano estacou gelado. Dengosa, a velha deu uns passos em redor do estrangeiro. Depois encostou-se, requebrosa, na porta do quarto. Sorriu estranhamente apontando a própria barriga:

– *Estou grávida de você...*

Risi perguntou, em voz sumida:

– *O quê?*

– *Esta noite fiquei grávida consigo.*

O homem ficou com a boca na nuca. A velha sorriu, passou um dedo sobre os lábios do estrangeiro e reentrou no quarto, fechando a porta atrás de si. Risi tresandarilhou pelo corredor antes de regressar aos seus aposentos. Sentou-se na borda da cama e, de novo, lhe chegaram lembranças do sonho. No chão, porém: uma capulana! Como fora ali parar? Um toque na porta o fez precipitar sobre o suspeito pano. Escondeu a capulana por debaixo da cama. Era o hospedeiro que entrou, cerimonioso. Depois de sucessivos “dá licenças” ele se fez ao assunto:

– *Senhor Massimo, eu ouvi tudo.*

– *Tudo o quê?*

– *O que passou ali no corredor.*

Meu coração se apertou. Se se espalhasse que o italiano andava em envolvências com Temporina o assunto haveria de ferver entre os tizangarenses. Não parecia que o recepcionista estivesse interessado nestes rumores. Por isso ele insistia com Massimo Risi:

– *Você se atente, caro amigo. Essa mulher ela é uma enfeitada. Quem sabe agora você não explode como os outros?*

– *Mas eu não fiz nada.*

– *Se ela reclama que você lhe engravidou! Só se ela é segunda Virgem Maria ...*

– *Eu juro, não toquei nessa mulher – rumorejou o italiano.*

– *Agora essa moça vai querer lhe acompanhar lá para sua terra. Ela mais o vosso filho mulato.*

Percebeu-se algum desprezo no modo como disse “mulato”. O padre Muhando já falara contra esse preconceito. O pensamento do sacerdote ia direito no assunto: mulatos, não somos todos nós? Mas o povo, em Tizangara, não se queria reconhecer amulato. Porque o ser negro – ter aquela raça – nos tinha sido passado como nossa única e última riqueza. E alguns de nós fabricavam sua identidade nesse ilusório espelho.

Massimo parecia ausente. Antecipava em sua cabeça o desfile daqueles imprevistos em sua vida?

– *Eu não posso entender!*

– *É difícil, sim senhor. Até porque essa mulher não existe.*

– *Não existe?*

– *Não existe do modo como o senhor pensa.*

– *Como assim?*

Eu já estava escutando a conversa no corredor. Decidi entrar.

(COUTO, Mia. *O Último Voo de Flamingo*. Lisboa: Caminho, 1987, p. 59–61)

Mia Couto: Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra

(2002, LM)

A ação deste romance de Mia Couto também é localizada num espaço imaginário, desta vez na ilha Luar-do-Chão, onde o narrador, estudante universitário, vai assistir às cerimónias fúnebres do seu avô do qual, antes, recebia cartas sobre a vida da família e da ilha. Já como sugere o título, o romance sublinha a carga simbólica dos elementos da água (motivo do rio relacionado ao tempo) e da terra (ligada ao motivo da casa). O rio, representando a separação da ilha e do mundo rural em relação à cidade, constitui-se como o espaço privilegiado da ação romanesca. A terra, por sua vez, reage ao comportamento humano (o chão dessacralizado, endurece). Para além da união do homem à terra, são ainda explorados neste romance outros temas como: a pobreza, a questão racial, a problemática da mulher, inferiorizada numa comunidade tradicional e masculinizada, sendo tais nós temáticos, bastante graves e profundos, aliviados pelo humor tipicamente coutiano, bem como pela dimensão mágica, característica da obra do autor.

Estou na margem do rio, contemplando as mulheres que se banham. Respeitam a tradição: antes de entrar na água, cada uma delas pede permissão ao rio:

– *Dá licença?*

Que silêncio lhes responde, autorizando que se afundem na corrente? Não é apenas a língua local que eu desconheço. São esses outros idiomas que me faltam para entender Luar-do-Chão. Para falar com minha mãe, que vai fluindo, ondeada, até ser foz.

As mulheres me olham, provocantes. Ou provoquentes, como diria o Avô. Parecem não ter pudor. Os seios desnudados não são, para elas, uma intimidade com merecimento de vergonha.

Não se estão apenas divertindo. Estão cumprindo a cerimônia que o ngangá ordenou para que a terra voltasse a abrir. A maldição que tombara sobre a nossa Ilha só podia ser vencida por esforço de todos. Em todo lado, os ilhéus enviavam sinais de entendimento com os deuses.

À volta da cintura as mulheres trazem atado um cordel benzido. Só nesta margem lhes é permitido banhar. No outro lado, foi onde se deu a tragédia. O rio, nessa orla, ficou interditado para todo o sempre.

O sucedido infortúnio surge já distante, apagado pelos risos das mulheres que se vão peixando na corrente. Vou amolecendo naquela mornança quando um clamor nos sobressalta a todos. As mulheres saem correndo, algumas esquecidas de se cobrir com as capulanas. E meu Tio Abstinência que surge, correndo em pânico. Engole umas lufadas e grita:

– *Venham, aconteceu uma coisa gravel Há um incêndio no cais!*

Corremos pelos trilhos, embalados pela inclinação da colina. Junto ao cais, a multidão se agita, em efervescência. Uma embarcação carregada de troncos estava ardendo no cais. E o barco de passageiros em que viajei. Está todo ateado, dir-se-ia constituído só por chamas.

– *Há feridos?*

– *Só o Tio Último.*

– *Último? Ele estava no barco?*

– *Queimou-se quando tentava apagar o fogo.*

– *É grave?*

Não se sabia. Tinha sido levado para casa, estava sendo tratado por Amílcar Mascarenha. Meu pai me fez sinal que esperasse enquanto ele ia examinar a ocorrência. Quem sabe ainda se carecesse de ajudas?

Fico sentado no cais a assistir ao reflexo das chamas na água, num silencioso desdobrar de luz. Abstinência se aproxima e se acomoda junto a mim. O suspiro lhe vem quase do chão:

– *Foi bem feito!*

Essa era a sua certeza: o incêndio era punição, vingança divina. Estavam desmatando tudo, até a floresta sagrada tinham abatido. A Ilha estava quase dessombreada.

O administrador tinha mão no negócio, junto com o Tio Último e outra gente graúda da capital. Usavam o barco público para privados carregamentos de madeiras e deixavam passageiros por transportar sempre que lhes aprouvesse. Às vezes, até doentes ficavam por evacuar. No tempo colonial Mariavilhosa não tinha tido acesso ao barco por motivos de sua raça.. Hoje excluíaam-se passageiros por outras razões.

– *Mas, Tio, a companhia de navegação não é do Estado?*

– *E então?*

Abstinência tinha sido advertido por reclamar separação de negócios privados e actividades públicas. Foi despedido quando exigiu maior clareza nos dinheiros.

Aproveito a ausência de meu pai para esclarecer as denúncias que ainda há pouco escutara.

– *Tio, me diga uma coisa: meu pai falou de um caso de drogas e do assassinato de Juca Sabão. Ele disse que isso explica tudo o que aqui está passando.*

– *Seu pai está delirando. Esses gajos que mataram Juca foram presos. Foram julgados e estão cumprindo penas.*

– *Mas não é verdade que desapareceu uma pistola da esquadra?*

– *Isso é verdade. Mas o que é que isso prova? Os culpados confessaram, eram tipos cadastrados.*

– *Mas, então, porquê meu pai mantém essa versão?*

– *Ele sempre desejou dar uso à arma. Aquilo lhe ficou das guerras. Seu pai acha que tudo se resolve assim.*

Fulano Malta achava que o mundo estava tão torto que para um homem ser bom não podia ser justo. Abstinência tinha outra explicação, sem enredo sinuoso: o que se passava agora era outra coisa.

– *Vê aquelas chamas espelhadas no rio? Acha que aquilo é apenas um barco que está a arder?*

Tudo está sendo queimado pela cobiça dos novos-ricos. É isso que sucede em sua opinião. A Ilha é um barco que funciona às avessas. Flutua porque tem peso. Tem gente feliz, tem árvore, tem bicho e chão parideiro. Quando tudo isso lhe for tirado, a Ilha se afunda.

– *A Ilha é o barco, nós somos o rio.*

(COUTO, Mia. *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra.*

Lisboa: Caminho, 2004, p. 211–214)

Mia Couto: A Confissão da Leoa

(2012, LM)

Mais uma vez, também a estória deste romance de Mia Couto passa-se numa localidade inventada, Kulumani, onde o povo assiste, impotente, a um fenómeno invulgar dos ataques de leoas. A voz narrativa divide-se entre duas personagens, tão diferentes entre si quanto próximas pelos laços misteriosos: Mariamar, jovem mulher de Kulumani, desde infância abusada pelo seu pai, e Arcanjo, o caçador vindo da cidade, incumbido de matar leoas, pelo qual Mariamar nutre um amor nunca professado. O romance oferece mais mistérios e silenciamentos do que respostas às questões, formuladas tanto pelas personagens como pelo leitor (porque as leoas atacam as mulheres indefesas?, seriam estas animais, ou seres humanos metamorfoseados?). De qualquer modo, as leoas poderiam simbolizar tanto a violência exercida sobre as mulheres, como a resistência e solidariedade feminina. Trata-se de um romance em que a problemática da mulher se torna especialmente acutilante.

As pernas nascem na cabeça, todo o corpo começa na cabeça tal como os rios descem do céu. Adjiru Kapitamor, meu muitíssimo avô, assim dizia e, ainda hoje, acho que ele tinha razão. As minhas pernas adormeceram quando a minha cabeça despertou. Um dia, tinha eu doze anos, tombei como um saco vazio aos pés da cama. Juntaram-se os parentes, Adjiru puxou meu pai pelo casaco:

– Foi você, Genito?

Acorri a responder, escudando o meu velhote. Que não havia culpa, nem se carecia de explicação. Eu apenas tivera pesadelos nessa noite, com visões que não ousava lembrar. Ergueram-me a pulso e voltei a desabar, sem amparo interior.

– Logo agora, no meio desta guerra toda – lamentou meu pai. – Vai ser mais um peso, agora.

– Desde quando uma filha é um peso? – inquiriu Adjiru.

Na infância, o corpo tem um serviço único: brincar. Mas não em Kulumani. Os meninos da nossa aldeia pediam às pernas que os fizessem fugir, à frente do fogo, mais velozes que as balas. Era o tempo em que as armas varriam as nossas povoações. Ao fim da tarde, o ritual era sempre o mesmo: empacotávamos os nossos haveres e escondíamos-nos no mato. Para mim, esse proceder era um jogo, uma diversão partilhada com as outras crianças. Num mundo de pólvora e sangue inventávamos silenciosas brincadeiras. Naquele noturno esconderijo aprendi a rir para dentro, a gritar sem voz, a sonhar sem sonho. Até ao dia em que a metade inferior de mim deixou de ser minha. E tombei aos pés da cama.

Depois da paralisia, era o avô Adjiru que, ao fim da tarde, me vinha buscar e me carregava a braços para o esconderijo na mata. Todos os outros já se tinham retirado, restava apenas eu e os objetos sem valor espalhados no chão da casa. Enquanto esperava os braços salvadores do avô, na solidão do quarto uma certeza se reforçava em mim: eu era uma coisa e seria enterrada como um objeto na poeira de Kulumani.

Eu, Mariamar Mpepe, estava duplamente condenada: a ter um único lugar e a ser uma única vida. Uma mulher infértil, em Kulumani, é menos que uma coisa. É uma simples inexistência. A culpa de eu ser assim, diziam, era de minha mãe. Hanifa Assuluu tinha sido amaldiçoada. Por pressão dos padres católicos, a sua família recusou que ela fosse sujeita aos rituais de iniciação. Minha mãe era uma *namaku*, uma rapariga que não transitou para mulher. Tinha sido batizada na igreja, mas não tinha passado pela cerimónia dos *ingoma*, o ritual que nos autoriza a ter idade. Hanifa estava condenada a ser uma eterna criança.

(COUTO, Mia. *A Confissão de Leoa*, Alfragide. Caminho, 2012, p. 130–132)

Extasiado, o escritor comenta:

– *Espetáculo inesquecível! Uma exibição telúrica, que pena não ter podido fotografar!*

– *Gostou?* – pergunta Naftalinda. O seu sorriso é enigmático, quase derrotado. E depois volta a inquirir: – *Quantos homens estavam na cerimónia?*

– *Talvez uns vinte.*

– *Os outros eram doze.*

– *Os outros? Que outros?*

– *Os que mataram Tandi, a minha empregada. Eram doze. Alguns desses estavam aqui dançando à vossa frente.*

– *Mataram-na?*

– *Mataram a alma dela, ficou só o corpo. Um corpo ferido, uma réstia de pessoa.*

Relatou o que sucedera: inadvertidamente a empregada atravessou o *mvera*, o acampamento dos ritos de iniciação para rapazes. O lugar é sagrado e é expressamente proibido a uma mulher cruzar aquele território. Tandi desobedeceu e foi punida: todos os homens abusaram dela. Todos se serviram dela. A moça foi conduzida ao posto de saúde local, mas o enfermeiro não aceitou tratar dela. Tinha medo de retaliação. As autoridades distritais receberam queixa, nada fizeram. Quem, em Kulumani, tem coragem de se erguer contra a tradição?

– *O meu marido ficou calado. Mesmo quando o ameacei ele nada fez...*

Não sei o que responder. Dona Naftalinda ergue-se e olha o caminho tomado pelos caçadores. Sem parar de atizar o lume, murmura:

– *Não sei o que eles vão procurar pelo mato. Esse leão está dentro da aldeia.*

(COUTO, Mia. *A Confissão de Leoa*. Alfragide. Caminho, 2012, p. 160–161)

Aníbal Aleluia: “Mbelele”

(Mbelele e Outros Contos, 1987, LM)

Nas suas narrativas, Aníbal Aleluia (1926–1993), valoriza o universo africano e seus mitos. Mbelele significa um “rito de trazer água”, particularmente importante em Moçambique, cuja subsistência depende da terra e onde a seca pode ter consequências trágicas. O espaço africano é, para além da temática, sugerido pelas palavras bantu. Em ligação ao espaço ancestral, o conto transmite também a problemática social: a perda das tradições, assimilação e migração dos jovens para a cidade, cujo destino acaba ou nas minas de Joanesburgo (Jone), ou na prostituição.

De manhã, a terra era fresca. O ar gélido cortava a pele. O céu apresentava-se dum azul puro, levemente empanado por um véu violeta que desaparecia à medida que o sol subia, diluído por um calor de estufa, sempre crescente.

Os homens erguiam os olhos para o firmamento, aterrados pela perspectiva da fome, como que em súplica muda aos deuses da chuva. Mas a abóbada continuava cérula, sem uma nuvem, com uma pureza quase de turqueza.

As várzeas estavam já limpas; o povo cansara-se mais uma vez, derribando plantas bravias; as charruas tinham sulcado a terra, revirando a resteva; as enxadas haviam pulverizado o folhiço. E tudo isto secara àquele sol de aço.

O próprio rio minguara, lentamente, fugindo da álea dos chorões que lhe delimitavam o leito, até se restringir a um fio sinuoso, humilde, gemebundo.

Seis colheitas antes, a fome visitara a região nas asas roxas dos acrídeos. O gafanhoto, em ondas maciças, limpava com sofreguidão as culturas viridentes e promissoras, deixando as machambas nuas, os galhos erectos em gesto de súplica, cruelmente fustigados pelo sol, como símbolos do espectro da fome.

O povo sofrera muito.

Anos depois, o rio tufara com arrufos de soba pérfido, assoprando para as margens a sua baba cor de ocre, invadindo sanzalas e machambas, submergindo gado e gente, levando a todos os lares a miséria e o luto, o desespero e as lágrimas. Toda Gaza fôra, então, uma terra de desolação. Dir-se-ia estendidas sobre ela as asas do anjo mau do Apocalipse.

E agora, antes que o povo se refizesse, chegam a seca, cruel e dura, levando a impotência aos braços vigorosos do povo, enxugando rios, queimando a terra, calcinando a bosta que estrumava as machambas.

A amplidão térmica era singular: ao ar gélido matinal sucedia um bafo de siroco, quando o sol, do zénite, dardejava sobre a terra os seus raios de fogo. Então, os galhos crepitavam como chamiços numa queimada; a miragem voluteiava, caprichosamente, na várzea ampla, qual neblina ondulando rente à terra cansada.

– «Os *nguluves* estão zangados» – dizia o povo, observando com tristeza o céu indiferente às suas queixas. E todos procuravam descobrir que desacatos às vontades dos mortos se expiavam tão dolorosamente.

Cansados de sofrer, sobas e povo se reuniram em solene banja. Unanimemente acordaram na purificação da terra, olvidada, havia muitos anos, não obstante – tantas desgraças seguidas.

Um *nhamussoro* imolara carneiros e bodes; matara galinhas, separando-lhes os bicos, e volteando-as no ar muitas vezes e batendo com elas os corpos dos sobas acocorados com ar submisso. Bichanara esconjurações, cozera *mbambas* e dormira com a *pisana* em a palhota grande do mais velho dos sobas e retirara-se, prometendo fartura de chuva ainda naquela lua.

Mas não chovera!

Muitas luas mais tinham bebido as águas do Índico. Já todos estavam certos de que o *nhamussoro* fora derrotado pela ira implacável dos *nguluves*.

«A culpa é dos moços, gente. Foram estragados pelos brancos. Não obedecem às leis velhas da raça. Não fazem a purificação anual da terra» – gritam Mucindo, o soba velho, apontando com a canha a planície queimada pelo sol.

Os moços, como resposta, pegavam nos *xitendes*, faziam as malas e partiam para os «compounds» a alistarem-se para o Jone. As raparigas guardavam os berimbaus nos cantos das palhotas e iam para Mafalala e Estrada Nova vender amor.

Vendo a ruína ameaçando a terra e o povo, os sobas mandaram uma deputação consultar Nengueuassuna (o homem de perna de mosquito), o mais famoso *nhamussoro* de que havia memória em toda Gaza.

– «Ide fazer mbelele... » – tal a sentença de *nhamussoro*.

(ALELUIA, Aníbal, “Mbelele”, In SAÚTE, Nelson (org.). *As Mãos dos Pretos. Antologia do Conto Moçambicano*. Lisboa: D. Quixote, 2007, p. 51–53)

Carneiro Gonçalves: “Malidza”

(*Contos e Lendas*, 1975, ed. póstuma, LM)

O universo africano tradicional surge com força também nas narrativas de Carneiro Gonçalves (1941–1974). Esta narrativa com um ritmo marcado e uma nota lírica, inspirada nas lendas e nos contos orais, conta a história de Malidza, escolhida pelo nhamussoro para satisfazer os seus apetites sexuais. Saudada pelo coletivo das mulheres, a jovem escolhida, enamorada do guerreiro Kilombo, porém recusa tal sacrifício, preferindo a morte na floresta.

Caminhai célere, ó jovens do povo de Quiteve, e vinde ouvir a história de Malidza, que morreu de amor. Uma grande ternura agasalhava-lhe o corpo de ébano (que ela protegia para Kilomko, o guerreiro) e punha nos seus olhos cintilações habitadas pelos génios antigos das florestas. O colo guardava a macia tepidez das sombras e era tão silenciosamente como a luz que Malidza percorria as veredas, as savanas. Requestavam-na os mais expeditos; transformou em temeridade a audácia dos mais valentes. Caíram alguns no calor das refregas, peito trespassado pela lança dos guerreiros de Mauruça. Havia nas suas gargalhadas duas coisas: a alegria da brisa das alvoradas que despenteia as árvores e, também das árvores, a frescura da seiva.

Um dia apareceu na aldeia o *nhamessoro* para invocar Zúzu, o espírito das águas. Todas as moças acabadas de donzelar na última lua, espantadas ainda pelo prodígio grandioso de um pouco de sangue entre as coxas, dançavam então o seu espanto. Dois embondeiros soberanos, tão cheios de rumores eucarísticos como dois altares, cruzavam as ramagens por cima do terreiro lançando sobre as moças uma bênção de sombra. Malidza, como as outras, dançava. Dançava e ria. Kilomko, de longe, espreitava-lhe o corpo a requebrar-se nos espamos da dança. Os seus feitos de guerra enchiam de espanto as aringas. Pela noite adiante, quando as famílias se acocoravam em torno das fogueiras, os mais velhos evocavam Kilomko e os mais novos tremiam de uma admiração sagrada.

Caminhai célere, ó jovens do povo de Quiteve e vinde ouvir a história de Malidza que a certa hora de uma madrugada em referência encontrou Kilomko. O guerreiro voltava dos seus combates, cabeça emplumada, nos dedos firmes a lança em riste. Malidza estremeceu, nos olhos fundos a mesma grande timidez das gazelas que um pranto sem razão liquefazia. Kilomko não pôde desviar o olhar e a lança caiu-lhe pela primeira vez da mão invencível. Ficaram assim eternidades, silhuetas legendárias de uma aproximação cuja idade remonta à primeira caverna que o homem habitou.

Sabei jovens do povo de Quiteve, que Kilomko esperava da guerra para desposar Malidza, o fragor do último combate. Odiava as guerras mas queria pior aos bárbaros que a impunham à sua gente. Nunca se habituou às amputações da glória, àquele jeito suave com que o sangue dos mais moços embebia a terra, aos gemidos das grandes agônias que despertavam os *numes* das florestas.

Mas um dia apareceu na aldeia o *nhamessoro* para invocar Zúzu, o espírito das águas. O tambor anunciou-o surdamente. Cessou a dança das donzelas e um pedaço de lua tornou mais negro o perfil distante da montanha que assinalava o princípio do reino de Maruça. À primeira batida do tambor imobilizaram-se na posição em que foram surpreendidas as ancas das dançarinas. Veio para o terreiro todo o povo da aldeia.

Seguiu-se a cerimónia do *nhamessoro*, o batuque, o estrépito das vozes. Todos viram aparecer do fundo das águas, recoberto de raízes o novo oficiante. Malidza tentou esconder-se atrás das outras, evitar ao olhar rapace do *nhamessoro* as curvas adolescentes do seu corpo. Tinha chegado o momento da dádiva e o mago poderia escolher,

à sua vontade, a jovem que mais o impressionasse. Malidza viu a febre nos olhos de Kilomko. Viu depois que o corpo lhe tremeu de dor enquanto o dedo do *nhamessoro* apontava para si.

Gritaram as mulheres saudando a escolha. Mas Malidza recuou, recuou sempre, levou consigo o sofrimento de Kilomko e o espanto das outras mulheres que não compreendiam a fuga sacrílega.

Diz-se que a floresta matou Malidza.

Mas notai, ó jovens do povo de Quiteve, que Kilomko sabe onde repousa o corpo de Malidza, que foi encontrar no sítio onde a viu pela primeira vez. Dois abutres debicavam-lhe os olhos. Levantaram para o céu quando Kilomko se aproximou. E o antigo guerreiro também sabe que o espaço agora é mais azul porque o encheram de luz mais duas estrelas.

(GONÇALVES, Carneiro, “Malidza”, In SAÚTE, Nelson (org.). *As Mãos dos Pretos. Antologia do Conto Moçambicano*. Lisboa: D. Quixote, 2007, p. 157–159)

Raul Honwana: “Caringana wa caringana”

(*O Algodão e o Ouro*, 1995, LM)

Esta narrativa de Raul Honwana (1941), em cujo título ecoa a forma tradicional do incipit dos contos moçambicanos, evocando os tempos míticos, aproxima-se pela sua temática, lirismo, tragicidade e oralidade de uma lenda ou estória exemplar.

Sambo desesperado e desvairado refugiara-se naquele lugar trazendo consigo, tudo quanto restava de tudo o que fora realmente a sua vida e a sua família, se assim se podia chamar. Tudo o que restava a Sambo não chegava sequer para ser nada ou quase nada. Mas o seu maior desgosto, a sua mágoa deviam-se à perda da filha que mais adorava. Talvez por ser a mais nova, aparecida já na velhice dos pais, talvez mesmo pela sua graciosidade. Salima, – era o seu nome – teria apenas 14 anos, mas quando ela bailava o seu corpo em noites de lua pequena, já o seu peito farto arfava e o seu sangue escorria grosso e escuro para ser sorvido pela terra gulosa. Todos os irmãos de Salima, por serem muito mais velhos, haviam escapado à fúria dos negreiros que em vagas sucessivas assolaram as ilhas e a costa de África.

Nas terras férteis e ricas do Grande-Muça as populações viviam em verdadeiro pânico. Os habitantes do litoral iniciaram uma migração maciça para o interior, ao mesmo tempo que o Chefe, auxiliado pelos próprios negreiros empreendia uma perseguição feroz ao homem. Na ilha natal de Sambo, a situação tornou-se deveras trágica porque os navios sinistros haviam cercado o lugar, não permitindo por isso qualquer hipótese de fuga. Os

seus habitantes, homens e mulheres, eram arrebanhados como gado, amarrados e empilhados nus como carga, nos porões dos barcos. Sambo, ele próprio, escapara à leva porque durante o meticuloso exame que antecede a prisão, acharam-no desdentado, concluindo daí tratar-se de homem idoso, sem interesse para a aquisição e transacção.

Sambo, com a voz cortada de soluços, descreveu a tragédia:

– ... Se queres saber quem sou, se queres conhecer as gerações de filhos e filhas que a terra e o mar comeram, não perguntes o meu nome não lamentes a minha angústia não chores a minha fome.

Se queres saber quem sou, escuta as minhas canções e vibra ao som dos meus tambores e cheira o meu suor de sabor acre ...

Eles eram homens de estatura alta, a sua pele tinha uma cor baça e os seus olhos eram raiados de um vermelho sanguíneo.

Eles vestiam túnicas brancas, de um branco sujo e tinham chapéu igualmente brancos e altos.

Estávamos todos de pé na areia da praia a olhar para os barcos que se encontravam ao largo, amarrados com cordas muito grossas. As pessoas, à medida que eram escolhidas passavam a obedecer aos sinais e às vergastadas daqueles homens de cor baça que os conduziam pela prancha que ligava a terra ao barco.

Quando soube que já não prestava para o que me queriam, ia desfalecendo de contentamento, mas o Grande-Chefe Muça, que assistia à venda, disse que era preciso trazer imediatamente a minha filha, a minha Salima... Eu ia dizer estas palavras: «Mas oh, meu senhor! ela é muito pequenina ainda!» mas não tive tempo porque o Grande-Chefe Muça não me deixou falar e disse: «Eu ordeno-to!»

A caminho de casa, seguido de dois servidores do Grande-Chefe, eu sentia calor e frio ao mesmo tempo, sentia que as minhas pernas não tinham ossos, nem veias por dentro, por isso não tinha forças para andar e cambaleava a cada passo. Os servidores vergastaram-me para me obrigar a andar mais depressa. Mas nesse momento ouviu-se o silvo rouco do barco, o que queria dizer que ia partir... Foi como se tivessem tirado um grande fardo da minha cabeça, dos meus nervos e do meu coração e comecei a ficar mais satisfeito. Os servidores do Grande-Chefe disseram com ironia: – se ela não foi agora há-de ir para a próxima viagem que não tarda muito ...

Quando chegámos à porta da palhota, obrigaram a Salima a sair de casa, apalparam os seus peitos redondos e fartos, e acharam-nos muito duros. Depois, levantando as vestes observaram-na para se certificar de que era mesmo mulher ou se ainda era uma criança. Fazendo um pequeno cálculo disseram entre eles que o Grande-Chefe com uma mercadoria destas até pode ganhar uma garrafa de vinho...

Naquela mesma noite fui acompanhar a minha filha, a Salima, a casa dum amigo meu, o Jumajane, que vivia lá do outro lado da ilha, num lugar onde as palmeiras são mais altas e o capim cresce muito. A palhota do Jumajane fica muito escondida e, como ele já era um homem muito velho, os servidores do Grande-Chefe não costumavam ir

procurá-lo por causa das levas. Eu pensava que ninguém iria suspeitar que a minha filha, a minha Salima estivesse escondida em casa dele. Mas muitas outras pessoas tinham pensado a mesma coisa e a casa do Jumajane estava quase cheia de raparigas novas, da idade da Salima, minha filha. Mas o meu amigo não se recusou a recebê-la e recomendou que não dissesse nada a ninguém, para que as palavras não chegassem aos ouvidos do Grande-Chefe Muça. Eu assegurei que não iria dizer nada a ninguém.

No interior da palhota, todas as raparigas dormiam. Eu disse que ela também devia deitar-se para não ter medo e adormecer mais depressa. Mas, Salima estava a tremer ... todo o seu corpo vibrava ... abriu um pouco a boca mas não disse nada . . . segurei-lhe as duas mãos e puxei-a mais para junto de mim e senti os seus peitos redondos e duros a latejarem . . . ela respirava com a boca e eu senti o seu bafo quente e angustiado. Ela tinha um ar de entrega e de súplica . . . e os nossos corpos se encontraram contra todas as leis da natureza e dos homens que vendem os outros homens.

– Oh! Salima!. .. – Oh . . . meu pai . . .!

Não tive coragem de me despedir da minha filha e nunca mais a vi.

(HONWANA, Raul, “Caringana wa caringana”, In SAÚTE, Nelson (org.). *As Mãos dos Pretos. Antologia do Conto Moçambicano*. Lisboa: D. Quixote, 2007, p. 148–152)

Suleiman Cassamo: “Ngilina, tu vai morrer”

(O Regresso do Morto, 1989, LM)

Este conto lapidar de mais um contador de histórias, Suleiman Cassamo (1962), é estilística e semanticamente condensado e, pela sua urgência, produz um efeito imediato no leitor. Situado no espaço rural, centra-se na posição da mulher na comunidade tradicional, como aliás indica o título da narrativa. A denúncia da crueldade, bem como a defesa da mulher, lida neste conto, só tem um paralelo possível na obra de Mia Couto e Paulina Chiziane. Convém reparar também nos aspetos linguísticos deste conto que apresenta um discurso híbrido, à base de interferências de línguas africanas.

Assim é vida? Insultos sempre-sempre, trabalhar todo o dia do xicuembo parece burro de puxar nholo, muinto purrada assim parece mesmo boi de puxar charrua. Chaga na bochecha, boca inchada, nariz arranhado, dentes partido, é vida mesmo? Assim não é vida, não. É melhor morrer mesmo. Morrer é mesmo bom. Tudo acaba, tudo. Sim valapena morrer... Mas é assim vida de mulher. Paciência... Só o xicuembo sabe...

Assim é maneira que Ngilina fala com o seu coração. Esse seu coração inchado no peito, pesado na garganta, a fechar a boca. Lágrimas caladas molham as faces.

Ngilina limpa as lágrimas na sua capulana de xigueuepau com gravura de uma mulher forte no meio de milho. Tem pena sim.

Ngilina 'stá pilar parece máquina de moer farinha.

O pilão faz dú, dú, dú.

Espalha-se na quietude essa voz do pilão, quebra a paz que salta do sol detrás da palhota, a cair entre as copas das micaias vermelho parece tomate maduro.

Pau-de-pilão sobe, pau-de-pilão desce, pau-de-pilão sobe, pau-de-pilão desce. O corpo de Ngilina também sobe também desce. Parece vara verde é manera qu'está subir-descer.

Mas a pilar assim, olhos sempre no pilão a bater sempre de maneira igual, muinto muinto Ngilina parece mesmo máquina de moer farinha.

A voz do pilão foge para o mato. A sombra do pilão e da Ngilina cresce, fica comprido. Os seios pequenos na sombra são grandes mas só saltam um mucado só. Ngilina pila. A sombra também pila. Ngilina pára. A sombra também pára. Zombeteira, imita a Ngilina que esfrega saliva nas mãos. Esta e todas as outras sombras crescem silenciosamente, abraçam-se para dançar xigubo do pilão da Ngilina.

A noite vai chegar mesmo. O homem da Ngilina vai voltar.

É preciso ferver ncancana depressa, botar amendoim. Ferver água, botar um mucado de farinha de milho que agora começou a peneirar. Esperar mucadinho. Mais farinha. Depois mexer com libôndzo até ficar wusua, servir e pôr na mesa. Não esquencer moringa de água para beber. Não esquencer piri-piri, água na bacia e toalha. Não esquencer nada mesmo, nada. Mas primeiro água no balde na casa de banho. Depois de ele banhar, ir ajoelhar com respeito e dizer:

– Tatana, vai comer.

Agora falta mucado só. Ngilina acompanha a dança da peneira nos dedos com uma cantiga. Mas como cantiga assim parece choro de rola, parece lamento de xivambalana?

Esta cantiga é mesmo choro de rola picando o coração da savana, gemido inchado daquela minina.

Mas porquê esta vida de Ngilina?

Ngilina tinha só dezasseis anos quando o marido, um homem da idade do pai e gaíça na altura reuniu com os pais na palhota grande.

Só depois dessa reunião ela soube que estava lobilada. Não queria. Mas o pai queria. Mandava.

Ngilina nunca até ali dormiu com homens e nunca mais gostou desde aquele dia em que o marido a possuiu. Mas ele queria sempre, todos os dias. Como diria não se lhe pertencia? Acordava com dores na coluna, nas ancas, na cabeça, todo o corpo. Como diria qu'stou doente? Lá estava a sogra – aquela velha maldita – a dizer: tu, lenha; tu, água; tu, balde de barro na cabeça; tu, enxada; tu, panela de barro no lume; tu, pratos lavados... Mas lá estava a sogra a chamá-la preguiçosa, preguiçosa, preguiçosa todo o dia do xicuembo.

Evocava sempre o lobolo que o filho gastou.

Um ano passou. O marido começou com zangas. Diz que Ngilina não nasce filhos. Não sabe porque a lobolou. Não é mulher. Bate-a por tudo e por nada. Com cinto que tem ferro, com paus, com socos, com pontapés, com tudo. Coitadinha, Ngilina, era uma minina xonguile mas agora ficou velha num ano só. Ngilina é xiluva que murchou...

O corpo dói, sim, mas dói é muito muito o coração. O coração 'stá inchado, vai rebentar no peito. Ngilina, tu vai morrer. Pode ir para casa descansar. Sofrimento. Mas qual maneira se o pai comeu todo o dinheiro do lobolo no nthonthontho e no vinho do monhé da vila? Yotatanéé, é melhor não pensar nada.

(CASSAMO, Suleiman, “Ngilina, tu vai morrer”, In SAÚTE, Nelson (org.). *As Mãos dos Pretos. Antologia do Conto Moçambicano*. Lisboa: D. Quixote, 2007, p. 489–491)

Ruy Duarte de Carvalho: “As águas de Capembáua”

(Como se o Mundo não Tivesse Leste, 1977, LA)

O interesse primordial desta novela de Ruy Duarte de Carvalho (1941–2010) incide no facto de ser localizada fora do espaço luandense, considerado “inescapável” na literatura angolana, apesar da insistência de alguns autores como Pepetela ou Manuel Rui em optar por outras coordenadas espaciais (o Sul, Benguela, Huambo). Situando-se no Sul de Angola, no espaço do povo pastor, a narrativa foca, em registo descritivo, as condições climáticas da região que forçam o povo a migrações regulares para garantir a sobrevivência. Qualquer irrupção neste sistema pode ter consequências trágicas. Tal acontece após a chegada de um colono branco que, a seguir, parte para Europa em circunstâncias pouco claras. O mistério que envolve esta fuga provoca curiosidade no narrador, decidido a descobrir o que se passou.

A seca é drama. Drama que ciclicamente se repete nas calcinadas vastidões dos dilatados seus. Mas nem a consciência de uma tal constância lhe minimiza um travo a morte e a perca.

Desidrata-se a terra, desidratam-se as ramas, altera-se a cor do mundo: embranquece o céu, escurece o capim.

Apartam-se os horizontes. Os montes ganham distância, mergulhados numa espessa e nebulosa atmosfera, ofuscante em si mesma, opressiva de brumas e poeiras. Dir-se-ia que o ar coalha em goma branca, poalha de cal, fumaça de enxofre.

Enrola-se o tempo. Já não há estações que o meçam. Renovam-se as luas, sem sinais

que as distingam de outras luas. Um mundo muito igual, os dias sobre os dias e nem um vento para cruzar-se firme com as direcções sabidas de outros ventos, a mesma luz, o mesmo sol, as mesmas noites frias.

R. assiste, comovido e atento, ao desfilar dos meses.

Um interminável suceder de madrugadas róseas, servidas sempre pelas mesmas brisas e pelas delgadas nuvens que à primeira claridade das manhãs surgem ao longe a decepar os morros, imponderável sopro de vapor, suspenso assim sobre a nudez das chanas, fria humidade que a noite rouba ao chão para avassalar a terra aos ventos da secura.

De um lado a terra, do outro o cosmos. O sol a ostentar-se imperioso, embebido apenas na sua velocidade, testemunha cega da progressiva uniformização da cor da terra, do verde ao ocre, do ocre ao negro, do negro à cinza. A soberba passividade da lua, a demitir-se de ordenar as águas, a estéril persistência do vento, alheio às coordenadas que o fecundam, virado eternamente às direcções maninhas da negação das chuvas.

O sol: uma luz crua, distante, ardendo indefinida no céu limpo, como se a sua jornada regular, o seu nascer e pôr-se, não dissesse respeito à terra e aos homens, um sol sozinho, metido em si mesmo, esquecido da companheira e dos filhos, vistos assim distantes como coisa estranha, silhuetas negras na crosta crestada de uma terra seca a transmutar-se em pó. Como se o tempo cósmico se houvesse consumido e com ele a evidência dos indícios celestes. Como se as forças dinamizadoras do cosmos se tivessem congregado para em segredo decidirem o futuro das eras e entretanto lhes não sobrasse tempo para o exercício das responsabilidades normais.

A terra: em rotação, para cumprir o seu tributo ao tempo, entregue ao movimento do que é vivo e devente da idade. Nem a indiferença do sol, nem a distância da lua, a loucura dos ventos, sequer o torpor do céu, a fazem partilhar dessa paragem, dessa noite dos rumos e das obrigações. Esforçar-se-á para manter-se viva, buscando sempre, cada vez mais funda, a humidade virgem com que se rende ao vento nas manhãs caladas, impotente para deter a sua entrega, a exalar a seiva no suor dos corpos, na superfície imóvel das lagoas, nos esporos invisíveis das ramagens, nas fendas das falésias e até na própria pedra. Na estiolante noite do silêncio a terra cumpre o seu tempo.

Esgota-se o milho das últimas reservas até já nem sobrar a semente guardada para uma última esperança de águas. Alteram-se os hábitos e os circuitos. Às cantinas das vilas e das povoações começa a chegar gado para trocar por fuba. Alguns garrotes apenas, a princípio, depois se a chuva tarda, nemas também e vacas já paridas. Saem funantes para o mato atrás de gado barato.

Rompe-se o ciclo das transumâncias. Vêm manadas de longe, seguidas pelos seus pastores, para procurar algum capim nas baixas e as derradeiras lamas das maiores lagoas. E o gado chega e bebe e cai, incapaz de suportar, no ventre, o peso da água. E apodrece nas margens.

Conduzidos pela razão do seu viver, os homens prosseguem sempre, atentos ainda ao refazer da vida. Descem ao deserto e invadem as chanas antes desprezadas. (Aí se dão

ainda ao vento que as penteia as hastes finas de capins já velhos). Tangem o que lhes resta das manadas, reduzidas, no dia a dia, pela queda dos animais mais fracos. (Vacilantes na marcha deixam-se atrasar. Depois estremezem sobre as patas finas e afocinham no chão, mordendo a língua e esbugalhando os olhos, líquidos de espanto e de aflição).

As famílias dividem-se. As mulheres e as crianças regressam às ongandas com algumas vacas, apenas, e gado miúdo. Os homens prosseguem sempre, para refazer viagens ou arriscar distâncias incomuns.

Na fazenda a vida mantém-se. A localização do acampamento, com o seu furo e a sua água, a uns escassos quinhentos metros da picada do Impulo, põe R em contacto quase permanente com vagas sucessivas de homens e animais provenientes do sul e do leste. Vê passar muito boi, muito pastor, envolvidos pelo pó e pelo eco dos vagidos sedentos.

(CARVALHO, Ruy Duarte de. “As Águas de Capembáua”,
Como se o Mundo Não Tivesse Leste. Lisboa: Vega, 1992, p. 27–29)